

KRISTAN
HIGGINS

Prémio RITA para Melhor Romance Contemporâneo

BOM
DEMAIS
PARA SER
VERDADE



Para quê procurar o homem ideal,
se podemos inventá-lo?

TOP
SEL
LER

*Este livro é dedicado à memória da minha avó, Helen Kristan,
a mulher mais amorosa que já conheci.*

Prólogo

Inventar um namorado não é nada de novo para mim. Admito-o francamente e desde já. Há quem vá ver nas montras coisas que nunca poderá comprar. Há quem veja fotos online de lugares que nunca visitará. E há quem imagine ter conhecido um tipo verdadeiramente fantástico, quando isso não aconteceu.

A primeira vez que inventei um namorado estava no 6.º ano. No recreio. A Heather B., a Heather F. e a Jessica A. estavam reunidas no seu pequeno círculo de popularidade. Usavam batom e sombra nos olhos, tinham malinhas giras e namorados. Nessa altura, andar com um rapaz significava apenas que este talvez reconhecesse a nossa passagem pelo corredor, mas era, mesmo assim, um símbolo de *status*, e um símbolo que me faltava, tal como a sombra nos olhos. A Heather F. observava o seu homem, Joey Ames, que, por razões conhecidas apenas dos rapazes do 6.º ano, estava a enfiar um sapo nas calças, e anunciou que talvez rompesse com o Joey e começasse a andar com o Jason.

E, de repente, sem pensar muito nisso, dei por mim a dizer que também namorava com alguém... um rapaz de outra cidade. As três raparigas populares viraram-se para mim, súbita e intensamente interessadas, e de repente eu estava a falar do Tyler, que era mesmo giro, inteligente e educado. Um homem mais velho, de 14 anos. Para mais, a sua família era proprietária de um rancho de cavalos e queria que eu pusesse o nome ao mais recente potro, que eu treinaria para responder apenas ao meu assobio.

Certamente que já todas imaginaram um rapaz assim, não é? Qual é o mal de — quase — acreditar que, algures por aí, para compensar os tipos sapo-nas-calças, existia um rapaz como o Tyler dos cavalos? Era quase como acreditar em Deus — tinha de se acreditar, até porque, qual era a alternativa? As outras meninas compraram a história, encheram-me de perguntas, olhando-me com um novo respeito. A Heather B. até me convidou para a sua festa de aniversário, o que eu aceitei alegremente. Nessa altura, claro, fui obrigada a partilhar a triste notícia de que o rancho do Tyler ardera e a família se mudara para Oregon, levando o meu potro, *Sol da Meia-Noite*. Talvez as Heathers e o resto da turma tivessem adivinhado a verdade, mas percebi que não me importava. Imaginar o Tyler tinha sido... verdadeiramente agradável.

Mais tarde, quando tinha 15 anos e nos mudáramos da nossa humilde cidadezinha de Mount Vernon, Nova Iorque, para o muito mais elegante burgo de Avon, Connecticut, onde todas as raparigas exibiam cabelos lisos e dentes muito brancos, inventei outro rapaz. Jack, o meu namorado Lá da Terra. Oh, ele era tão bonito (como atestava a fotografia na minha carteira, que recortara cuidadosamente de um catálogo da *J.Crew*)... O pai do Jack era dono de um restaurante maravilhoso chamado Le Cirque (pronto, eu tinha 15 anos). Eu e o Jack estávamos a levar as coisas com calma... sim, já nos tínhamos beijado; na verdade, até chegáramos ao segundo nível de intimidade, mas nunca o ultrapassáramos por ele ser muito respeitador. Queríamos esperar até sermos mais velhos. Talvez fizéssemos um pré-noivado, e a família dele amava-me tanto que insistia em que o Jack me comprasse um anel da *Tiffany*, talvez não um diamante, mas, pelo menos, uma safira, como a da princesa Diana, embora um pouco mais pequena.

Lamento informar que rompi com o Jack uns quatro meses depois do início do 11.º ano, a fim de ficar disponível para os rapazes locais. O tiro saiu-me pela culatra, já que os rapazes locais não estavam minimamente interessados em mim. Na minha irmã mais velha, claro que sim... A Margaret ia buscar-me de vez em quando, nas férias da universidade, e os rapazes ficavam mudos perante a sua beleza distinta e exuberante. Até a minha irmã mais nova, que na altura frequentava só o 7.º ano, já mostrava sinais de vir a tornar-se

uma beldade. Mas eu fiquei descomprometida, desejando nunca ter rompido com o meu namorado ficcional, sentindo falta do arrepio de prazer que me dava imaginar um rapaz daqueles a gostar de mim.

Depois veio o Jean-Philippe. O Jean-Philippe foi inventado para afastar um rapaz irritante e incrivelmente persistente na universidade. Um estudante de Química que, pensando nisso agora, devia sofrer de síndrome de Asperger, o que o tornava imune a qualquer tentativa sutil de o recusar. Em vez de dizer frontalmente ao rapaz que não gostava dele (parecia tão cruel), pedi à minha colega de quarto que escrevinhasse mensagens e as afixasse na porta, onde todos as pudessem ver: «Grace, o J-P ligou *outra vez*. Quer que passes as férias em Paris. Liga-lhe *toute suite*».

Eu *amava* o Jean-Philippe, adorava imaginar que um qualquer francês bem vestido tinha um fraquinho por mim! Que vagueava pelas pontes de Paris, olhando nostalgicamente o Sena, ansiando por mim e suspirando taciturnamente enquanto comia *croissants* de chocolate e bebia bom vinho. Oh, tive uma paixão pelo Jean-Philippe durante muito tempo, rivalizando apenas com o meu amor por Rhett Butler, que descobri aos 13 anos e nunca mais esqueci.

Durante a casa dos 20 anos, e até agora, que tenho 30, inventar um namorado era um talento de sobrevivência. A Florence, uma das velhinhas da Aldeia Sénior de Golden Meadows, ofereceu-me recentemente o seu sobrinho durante a aula de danças de salão em que sou assistente.

— Querida, vai adorar o Bertie! — trinou ela, enquanto eu a tentava fazer virar à direita no seu passo de dança. — Posso dar-lhe o seu número? É médico. Especialista em pés. Mas tem um probleminho. As raparigas hoje em dia escolhem muito. No meu tempo, se uma rapariga tivesse 30 anos e ainda não tivesse casado, mais lhe valia estar morta. Lá porque o Bertie tem seios, qual é o problema? A mãe dele também é mamalhuda, oh, tem umas prateleiras...

Lá veio o namorado imaginário.

— Oh, parece tão simpático, Flo... mas comecei agora a sair com uma pessoa. Que pena.

Não é só junto das outras pessoas, devo admitir. O namorado de emergência é usado como um... digamos, mecanismo para lidar com a realidade.

Por exemplo, há algumas semanas, conduzia para casa num escuro e solitário trecho da Route 9 do Connecticut, pensando no meu ex-noivo e na sua nova amada, quando um pneu rebentou. Como é típico quando alguém enfrenta a morte, mil pensamentos passaram-me pela mente enquanto me debatia com o volante, tentando impedir que o carro capotasse e reconhecendo remotamente que aquela voz a gemer «MeuDeusmeuDeusmeuDeus!» era minha. Primeiro, não tinha nada para vestir no meu funeral (*calma, calma, não deixes o carro capotar*). Depois, caso optassem por caixão aberto, desejei que o meu cabelo não tendesse para frisar em morte como frisava em vida (*mais força, mais força, estás a perder o controlo*). As minhas irmãs ficariam devastadas, os meus pais acabrunhados pela dor, com as suas quezílias constantes silenciadas, pelo menos nesse dia (*acelera, só um bocadinho, para endireitar o carro*). E, caramba, o Andrew ficaria consumido pela culpa e, para o resto dos seus dias, lamentaria ter-me deixado (*agora abranda gradualmente, liga os piscas, ótimo, ótimo, estamos vivas*).

Quando o carro estava em segurança na berma, fiquei sentada, a tremer incontrolavelmente, o coração a matraquear de encontro às minhas costelas, como uma persiana solta durante um vendaval. «JesusJesusobrigadaJesus», entoei, procurando o telemóvel.

Infelizmente, estava num sítio sem rede (claro). Aguardei uns momentos e depois, resignada, fiz o que precisava de fazer. Saí do carro para a chuvada fria de março e examinei o pneu despedaçado. Abri a bagageira, tirei o macaco e o pneu sobressalente. Embora nunca antes tivesse desempenhado aquela tarefa em particular, percebi como é que se fazia, enquanto os outros carros passavam velozmente por mim, ensopando-me ainda mais com salpicos gelados. Magoei a mão a ponto de fazer sangue, parti uma unha, estraguei os sapatos, fiquei toda suja de lama e óleo.

Ninguém parou para me ajudar. Nem uma maldita pessoa. Ninguém sequer abrandou. Praguejando, bastante irritada com a crueldade do mundo e vagamente orgulhosa por ter mudado um pneu, voltei a entrar no carro, batendo os dentes, com os lábios azuis de frio, encharcada e suja. Ao continuar a viagem, só conseguia pensar num banho, num leite achocolatado quente, no Project Runway e num pijama de flanela. Em vez disso, aguardava-me o desastre.

A julgar pelas aparências, o *Angus*, o meu *terrier west highland*, roera a tranca de segurança da porta do armário recentemente pintado, arrastara o caixote do lixo, virara-o e comera o frango em condições duvidosas que eu deitara fora de manhã. Deixou de haver dúvidas. O frango estava mesmo estragado. O meu pobre cão vomitara com tal intensidade, que projetara bílis amarelo-esverdeada a ponto de chegar ao mostrador do meu relógio *Fritz the Cat*. Um rasto de excrementos líquidos conduzia à sala de estar, onde encontrei o *Angus* estendido no tapete oriental em tons pastel que eu acabara de mandar limpar. O meu cão vomitou repugnantemente, ladrou uma vez e abanou a cauda com um amor culpado, entre as poças de imundície.

Nada de banho. Nada de Tim Gunn e Project Runway. Nada de leite achocolatado quente.

Mas o que tem tudo isto que ver com outro namorado imaginário? Bem, enquanto esfregava a carpete com água e lixívia e tentava preparar emocionalmente o *Angus* para o supositório que o veterinário me instruíra a dar-lhe, dei por mim a imaginar o seguinte:

Estou a voltar para casa quando o pneu rebenta. Paro, procuro o telemóvel, *blá blá blá*. Mas, o que é isto? Um carro abranda e para atrás de mim. É, deixa ver, um híbrido ecológico, e tem um dístico de médico. Um Bom Samaritano na forma de macho alto e esguio, de 30 e muitos anos, aproxima-se do meu carro e inclina-se para mim. «Olá!» E é... aquele momento em que olhamos para alguém e simplesmente... *Tcharan!* Sabemos Que É O Tal.

Na minha fantasia, aceitei a ajuda do simpático Samaritano. Dez minutos depois, ele fixara o pneu sobressalente ao eixo, guardara o rebentado na bagageira e entregara-me o seu cartão de visita. Wyatt Qualquer Coisa. Médico, Departamento de Cirurgia Pediátrica. Ah.

— Ligue-me quando chegar a casa, só para eu saber que chegou bem — pediu-me, sorrindo. *Tcharan!* Escreveu o seu número pessoal, enquanto eu absorvia a visão das suas atraentes covinhas e pestanas longas.

Isto tornou a limpeza do vomitado muito mais agradável.

Obviamente, eu tinha perfeita consciência de que o meu pneu não fora mudado pelo generoso e bonito médico. Não contei a ninguém essa versão. Não passou de um pequeno escape saudável,

certo? Não, não havia nenhum Wyatt (sempre gostei do nome, tão cheio de autoridade e nobreza). Infelizmente, um tipo como este era demasiado bom para ser verdade. Não andei por aí a falar do cirurgião pediátrico que me mudou o pneu do carro, claro que não. Isso foi mantido completamente em privado, e era só um pequeno mecanismo de enfrentamento, como já disse. Passei anos sem inventar publicamente um namorado.

Pelo menos, até há pouco tempo.

Capítulo 1

— **E**ntão, com este simples ato, Lincoln mudou o curso da história americana. Era uma das figuras políticas mais desprezadas do seu tempo e, contudo, preservou a União e é considerado o maior presidente que o nosso país já teve. E, possivelmente, que alguma vez terá.

Fiquei de rosto corado... Tínhamos começado agora mesmo a nossa unidade sobre a Guerra Civil, o tema que eu gostava mais de ensinar. Infelizmente, os meus alunos do 12.º ano estavam nos estertores de um coma de sexta-feira à tarde. O Tommy Michener, o meu melhor aluno na maior parte dos dias, olhava com anseio para a Kerry Blake, que se espreguiçava de forma a, simultaneamente, atormentar o Tommy com o que não podia ter e convidar o Hunter Graystone IV a aproveitar. Ao mesmo tempo, a Emma Kirk, uma rapariga bonita e de bom coração que tinha o azar de ser aluna externa e estar, por isso, excluída do grupo dos miúdos fixes, que eram todos internos, olhava para a carteira. A pobre miúda tinha um fraquinho pelo Tommy e muita consciência da obsessão deste pela Kerry.

— Então, quem pode resumir os pontos de vista antagónicos? Alguém?

Lá de fora, veio o som de gargalhadas. Olhámos todos. A Kiki Gomez, professora de Inglês, estava a dar uma aula ao ar livre, porque o dia estava ameno e bonito. Os alunos dela não pareciam entorpecidos nem exaustos. Caramba. Também devia ter levado os meus lá para fora.

— Vou dar-vos algumas pistas — continuei, olhando as suas expressões vazias. — Direitos dos estados *versus* controlo federal. União *versus* secessão. Liberdade para governar com independência *versus* liberdade para toda a gente. Escravos ou fim da escravatura. Diz-vos alguma coisa?

Nesse momento, soaram os sinos que marcavam o fim da aula e os meus letárgicos alunos ressuscitaram e correram para a porta. Tentei não levar isso pessoalmente. Estes alunos mais velhos eram, normalmente, mais empenhados, mas era sexta-feira. Tinham sido massacrados com exames no princípio da semana e esta noite havia um baile. Eu compreendia.

A Academia Manning era o tipo de escola secundária que existe em grande abundância em Nova Inglaterra. Imponentes edifícios de tijolo com as heras, magnólias e cornisos da praxe, campos de futebol e de lacrosse cor de esmeralda e a promessa de que, pelo custo de uma pequena casa, os meninos entrariam nas universidades da sua eleição — Princeton, Harvard, Stanford ou Georgetown. A escola, fundada nos anos 1880, constituía um pequeno mundo. Muitos dos professores viviam no *campus*, mas os que não viviam, como eu, portavam-se normalmente tão mal como os miúdos, ansiando pela última aula de sexta-feira à tarde para poderem ir para casa.

Exceto esta sexta-feira. Sentir-me-ia muito feliz por ficar na escola esta sexta-feira, a vigiar o baile ou a treinar lacrosse. Ou mesmo a limpar as casas de banho. Tudo menos os meus verdadeiros planos.

— Olá, Grace! — disse a Kiki, espreitando para dentro da minha sala.

— Olá, Kiki. Pareciam divertidos lá fora.

— Estamos a ler *O Senhor das Moscas* — informou ela.

— Claro! Não admira que estivessem a rir. Nada como uma pequena matança do porco para animar o dia.

Ela sorriu orgulhosamente.

— Então, Grace, arranjaste uma companhia?

Fiz uma careta.

— Não, não arranjei. Não vai ser bonito.

— Oh, merda — disse ela. — Tenho muita pena.

— Bem, não é o fim do mundo — murmurei valentemente.

— Tens a certeza? — Tal como eu, a Kiki era solteira. E ninguém sabe melhor do que uma mulher solteira a meio da casa dos 30 o inferno que é ir a um casamento. Dentro de algumas horas, a minha prima Kitty, que uma vez me cortou a franja até à raiz quando eu estava a dormir em casa dela, ia casar-se. Pela terceira vez. Com um vestido estilo princesa Diana.

— Olha, é o Eric! — disse a Kiki, apontando a minha janela virada a leste. — Oh, obrigada, Deus!

Eric era o sujeito que lavava as janelas da Academia Manning todas as primaveras e outonos. Embora estivéssemos no princípio de abril, a tarde estava quente e amena, e o Eric despira a camisa. Sorriu-nos, bem consciente da sua beleza, espalhou o limpa-vidros e esfregou.

— Convida-o! — sugeriu a Kiki, enquanto o observávamos com grande apreço.

— É casado — respondi sem tirar os olhos dele. Comer o Eric com os olhos era o máximo de intimidade que eu tinha tido com um homem nos últimos tempos.

— Casado e *feliz*? — perguntou a Kiki, sem escrúpulos de estragar um lar ou dois para arranjar um homem.

— Sim. Adora a mulher.

— Odeio isso — murmurou ela.

— Percebo. É tão injusto. — A perfeição masculina que era o Eric piscou-nos o olho, atirou um beijo e arrastou o rodo para cima e para baixo na janela, os músculos dos ombros a sobressaírem agradavelmente, os abdominais secos a ondularem e o sol a refulgir-lhe no cabelo. — Tenho mesmo de me ir embora — disse eu, sem mexer um músculo. — Tenho de mudar de roupa, e outras coisas. — A ideia apertou-me um nó no estômago. — Kiki, de certeza que não conheces ninguém que eu possa levar? Ninguém mesmo? Não queria nada ter de ir sozinha.

— Não conheço, Grace — suspirou ela. — Se calhar, devias ter contratado alguém, como naquele filme da Debra Messing.

— É uma cidade pequena. Um gigolô daria nas vistas. E talvez não fosse muito bom para a minha reputação: «Professora de Manning Contrata Prostituto. Pais Preocupados.»

— E o Julian? — perguntou ela, referindo-se ao meu amigo mais antigo, que saía muitas vezes comigo e com a Kiki nas nossas noites de raparigas.

— Bem, a minha família conhece-o. Não passava.

— Como namorado, ou como heterossexual?

— Ambos, creio.

— Que pena. Pelo menos dança muito bem.

— Isso é verdade. — Relanceei o relógio e a goteira de medo que fora escorrendo intermitentemente durante toda a semana transformou-se num rio. O problema não era só ir ao casamento da velhaca da Kitty. Era ver o Andrew apenas pela terceira vez desde que a nossa relação terminara. Ir acompanhada seria, definitivamente, uma boa ajuda.

Bem. Por muito que desejasse poder ir para casa e ler *E Tudo o Vento Levou* ou ver um filme, tinha de ir. Além disso, ultimamente passava muito tempo em casa. O meu pai, o meu melhor amigo gay e o meu cão não deviam, provavelmente, ser os únicos homens da minha vida. E havia sempre a possibilidade de conhecer alguém no próprio casamento.

— Talvez o Eric vá — disse a Kiki, correndo a abrir a janela.
— Ninguém precisa de saber que ele é casado.

— Kiki, não — protestei.

Ela não me deu ouvidos.

— Eric, a Grace tem de ir a um casamento esta noite, o ex-noivo dela estará lá, e ela não tem companhia. Podes acompanhá-la? Fingir que a adoras e isso?

— Obrigada, mas não — gritei, o calor a picar-me as faces.

— O teu ex, hã? — disse o Eric, enxaguando um vidro.

— Pois. Preferia cortar os pulsos. — Sorri para mostrar que não falava a sério.

— De certeza que não podes ir com ela? — perguntou a Kiki.

— A minha mulher era capaz de não gostar — respondeu o Eric.
— Desculpa, Grace. Boa sorte.

— Obrigada — disse eu. — Parece pior do que é.

— Não é corajosa? — perguntou a Kiki. O Eric concordou, passando ao vidro seguinte, e a Kiki quase caiu da janela para o ver. Acabou por voltar para dentro e suspirou. — Parece que vais a um

casamento sozinha — disse, com o tom de voz que um médico usaria para dizer: «Lamento, é terminal».

— Bem, eu tentei, Kiki — recordei-a. — O Johnny, que me entrega as pizzas, vai sair com a Alho e Anchovas, por incrível que pareça. O Brandon, do lar dos velhotes, disse que antes se enforcava do que seria acompanhante num casamento. E acabei de descobrir que o rapaz giro da farmácia só tem 17 anos, e embora tivesse afirmado que gostava muito de ir, a Betty, a farmacêutica, é mãe dele e comentou algo acerca da Lei da Moralidade e dos predadores, pelo que, a partir de agora, frequentarei a farmácia de Farmington.

— Ups — disse a Kiki.

— Não faz mal. Fiquei de mãos a abanar. Por isso, irei sozinha, serei nobre e valente, procurarei homens interessantes na sala e deixarei a festa acompanhada por um dos empregados. Isto, se tiver sorte. — Sorri. Corajosamente.

A Kiki riu-se.

— Ser solteira é uma treta — anunciou. — E, caramba, ser solteira num casamento... — Estremeceu.

— Obrigada pela motivação — respondi.

Quatro horas mais tarde, eu estava no inferno.

A mistura demasiado familiar e ligeiramente nauseante de esperança e desespero fervilhava-me no estômago. Sinceramente, eu julgava estar a fazer as coisas bastante bem. Sim, é verdade que o meu noivo me rejeitara há 15 meses, mas eu não estava deitada no chão em posição fetal, a chuchar no polegar. Ia para o trabalho e dava as minhas aulas... com grande competência, na minha opinião. Tinha vida social. É certo que a maior parte das minhas saídas eram para dançar com cidadãos idosos ou para reencenar batalhas da Guerra Civil, mas saía. E, sim, adoraria (teoricamente) encontrar um homem — uma espécie de cruzamento entre Atticus Finch e Tim Gunn, com a aparência do George Clooney.

E aqui estava eu noutra casamento — o quarto casamento de família desde A Rejeição, o quarto casamento de família a que comparecia sem companhia — tentando valentemente irradiar felicidade, para que os meus parentes deixassem de ter pena de mim e de me emparelhar com primos distantes de aparência estranha. Ao mesmo tempo,

tentava aperfeiçoar o visual — divertimento forçado, satisfação interior e conforto absoluto. Uma espécie de *Olá! Estou perfeitamente bem, solteira noutro casamento, e não estou nada desesperada por um homem, mas se por acaso fores heterossexual, com menos de 45 anos, atraente, financeiramente estável e com valores morais, vem daí!* Assim que aperfeiçoasse o visual, planeava dividir um átomo, visto que ambas as coisas exigiam o mesmo grau de habilidade.

Porém, sabia-se lá. Talvez hoje os meus olhos se fixassem em alguém que também fosse solteiro e esperançoso sem parecer patético — por exemplo, um cirurgião pediátrico, para benefício do enredo — e *tcharan!* Saberíamos imediatamente.

Infelizmente, o meu cabelo fazia-me parecer, quando muito, uma cigana bonita e descuidada, ou, mais provavelmente, como se estivesse possuída pela comedianta Gilda Radner. Devia lembrar-me de consultar um exorcista para ver se me podia tirar os demónios do cabelo, conhecido por partir pentes ao meio e engolir escovas.

Hum. Estava ali um tipo giro. Socialmente inapto, magrinho, de óculos. O meu género, sem dúvida. Então ele viu-me a olhá-lo e procurou imediatamente uma mão atrás de si, a qual estava ligada a um braço, que estava ligado a uma mulher. Sorriu-lhe radiosamente, plantou-lhe um beijo nos lábios e olhou nervosamente para mim. *Está bem, está bem. Não precisa de entrar em pânico, senhor, pensei. Mensagem recebida.*

Na verdade, todos os homens com menos de 40 anos pareciam estar comprometidos. Havia alguns octogenários, um dos quais me sorriu. Hum. Um homem com 80 anos seria demasiado? Talvez eu devesse procurar um homem mais velho. Talvez estivesse a perder o meu tempo com homens que ainda tinham próstatas funcionais e joelhos originais. Talvez houvesse algo de interessante num avozinho. O velhote ergueu as suas luxuriantes sobranceiras brancas, mas a sua tentativa de me namoriscar terminou abruptamente quando a sua mulher lhe deu uma forte cotovelada e me olhou com censura.

— Não te preocupes, Grace. Em breve será a tua vez — disse uma tia, na sua voz de sirene de nevoeiro.

— Nunca se sabe, tia Mavis — respondi com um sorriso doce. Era a oitava vez esta noite que alguém me inspirava o mesmo

sentimento, e estava a pensar em tatuá-lo na testa. *Não estou preocupada. Em breve será a minha vez.*

— É difícil vê-los juntos? — ladrou a tia Mavis.

— Claro que não. Nem por sombras — menti, continuando a sorrir. — Estou muito contente por eles namorarem.

Claro que «contente» podia ser um exagero, mas que havia de dizer? Era complicado.

— És valente — declarou a tia Mavis. — És uma mulher valente, Grace Emerson. — E foi-se embora, em busca de outra pessoa para atormentar.

— OK, desembucha — pediu a minha irmã Margaret, sentando-se. — Estás à procura de um instrumento afiado para cortares os pulsos? Pensas em absorver um pouco de monóxido de carbono?

— Oh, sentimentalona. As tuas preocupações fraternais trazem-me as lágrimas aos olhos.

Ela sorriu.

— Então? Desabafa com a tua mana mais velha.

Dei um grande gole no meu gin tónico.

— Estou a ficar um pouco farta de ouvir as pessoas dizerem o quanto sou valente, como se fosse um soldado com um pé numa mina terrestre. Ser solteira não é a pior coisa do mundo.

— Eu estou sempre a desejar ser solteira — respondeu a Margs quando o seu marido se aproximou.

— Olá, Stuart! — disse eu, com carinho. — Não te vi na escola hoje. — O Stuart era o psicólogo escolar de Manning e fora ele que me avisara da vaga no departamento de História, seis anos antes. Correspondia ao estereótipo... camisas de Oxford cobertas por pulôveres sem mangas, sapatos de borlas, a barba da praxe. Um homem sereno e gentil, conhecera a Margaret na pós-graduação e era, desde então, seu servo devotado.

— Como te estás a aguentar, Grace? — perguntou, entregando-me uma nova dose da minha bebida favorita, gin tónico com limão.

— Estou ótima, Stuart — respondi.

— Olá, Margaret, olá, Stuart! — gritou a minha tia Reggie do recinto de dança. Depois viu-me e estacou. — Oh, olá, Grace, estás tão bonita. E queixo erguido, minha querida. Em breve estarás a dançar no teu próprio casamento.

— Caramba, obrigada, tia Reggie — respondi, lançando um olhar significativo à minha irmã.

A tia Reggie dirigiu-me um sorriso triste e foi coscuvilhar para outro sítio.

— Continuo a achar uma loucura — disse a Margs. — Como é que o Andrew e a Natalie conseguiram... Por amor de Deus! Esta não me entra na cabeça. A propósito, onde é que eles estão?

— Grace, como estás? Estás só a pôr uma fachada de força ou estás mesmo bem? — Agora era a mãe que se aproximava da nossa mesa. O pai, empurrando a sua muito idosa mãe numa cadeira de rodas, vinha atrás dela.

— Ela está bem, Nancy! — disse bem alto. — Olha para ela! Não te parece bem? Deixa-a em paz! Não fales disso.

— Cala-te, Jim. Eu conheço bem as minhas filhas, e esta está a sofrer. Um bom pai percebe. — Lançou-lhe um olhar gélido, cheio de significados.

— Oh, um bom pai? Eu sou um ótimo pai — respondeu ele imediatamente.

— Estou bem, mãe. O pai tem razão. Estou ótima. Olhem a Kitty, não está linda?

— Quase tão bonita como no seu primeiro casamento — disse a Margaret.

— Viste o Andrew? — perguntou a mãe. — É difícil, querida?

— Estou bem — repeti. — A sério, estou ótima.

A Mémé, a minha avó de 93 anos, abanou o gelo do seu copo alto.

— Se a Grace não consegue manter um homem, no amor e na guerra vale tudo.

— Está viva! — disse a Margaret.

A Mémé ignorou-a, olhando-me com os seus olhos desdenhosos e húmidos.

— Eu nunca tive problemas em arranjar homens. Os homens adoravam-me. Sabem, eu era uma beleza, nos meus tempos.

— E ainda é — disse eu. — Olhe só para si! Como é que consegue, Mémé? Não parece ter mais de 110 anos.

— Por favor, Grace — murmurou o meu pai, cansado. — Não ponhas lenha na fogueira.

— Ri-te o quanto quiseses, Grace. Pelo menos, o meu noivo não me rejeitou. — A Mémé emborcou o resto do seu *Manhattan* e entregou o copo ao pai, que o segurou obedientemente.

— Tu não precisas de um homem — disse a mãe com firmeza. — Nenhuma mulher precisa. — Lançou um olhar ao meu pai.

— O que queres dizer com isso? — perguntou ele, irritado.

— O que disse — respondeu a mãe, com voz tensa.

O pai revirou os olhos.

— Stuart, vai buscar outra rodada, filho. Grace, passei pela tua casa hoje e estás mesmo a precisar de janelas novas. Margaret, fizeste um bom trabalho no caso Bleeker, querida. — Era a maneira de o pai despachar o máximo de conversa possível, para depois poder ignorar a minha mãe (e a dele). — E, Grace, não te esqueças da Bull Run no próximo fim de semana. Somos Confederados.

Eu e o pai pertencíamos ao *Brother Against Brother*, o maior grupo de encenadores da Guerra Civil em três estados. Já nos viram... somos os malucos que se aperaltam para desfiles e encenamos batalhas em campos e parques, disparando uns sobre os outros com pólvora seca e tombando por terra em deliciosa agonia. Apesar de o Connecticut não ter assistido a muita ação da Guerra Civil (infelizmente), nós, os fanáticos do *Brother Against Brother* ignoramos esse inconveniente facto. O nosso calendário começou no início da primavera, quando levámos à cena algumas batalhas locais, depois passámos a localizações reais através do sul, juntando-nos a outros grupos do mesmo género para dar largas à nossa paixão. Somos um número surpreendente de pessoas.

— O teu pai e essas batalhas idiotas — murmurou a mãe, ajeitando a gola da Mémé. Esta, ao que parecia, adormecera profundamente, ou então morrera... mas não, o movimento do seu peito ossudo era perceptível sob a respiração. — Bem, eu não vou, é claro. Preciso de me concentrar na minha arte. Vão à inauguração esta semana, não vão?

Eu e a Margaret trocámos olhares cautelosos e emitimos uns sons que não nos comprometiam. A arte da mãe era um assunto de que era preferível não falar.

— Grace! — rugiu a Mémé, subitamente de volta à vida. — Vai para ali! A Kitty vai atirar o ramo! Vai! Vai! — Virou a cadeira de

rodas e começou a bater-me com ela nas canelas, tão bruta como Ramsés com os escravos hebreus em fuga.

— Mémé! Por favor! Está a magoar-me! — Desviei as pernas, mas isso não a travou.

— Vai! Precisas de toda a ajuda que puderes arranjar!

A mãe revirou os olhos.

— Deixe-a em paz, Eleanor. Não percebe que ela já está a sofrer o suficiente? Grace, querida, não tens de ir, se isso te deixa triste. Toda a gente compreenderá.

— Estou bem — disse eu em voz alta, passando uma mão pelo meu cabelo indomável, que se soltara dos ganchos. — Eu vou. — Porque, caramba, se não fosse, era pior. *Pobre Grace, olhem só para ela, ali sentada como um gambá morto na estrada, nem se consegue levantar da cadeira.* Além disso, a cadeira da Mémé começava a deixar marcas no meu vestido.

E lá fui eu para o recinto de dança, tão entusiasmada como Ana Bolena a caminho da forca. Tentei misturar-me com o resto da carneirada, ficando lá atrás, onde não tinha, de facto, hipóteses de apanhar o ramo. *Cat Scratch Fever* começou a ribombar no estéreo — que elegância — e não consegui conter um risinho.

E então vi o Andrew. Olhando para mim, culpado como o pecado. A sua namorada não estava à vista. O meu coração esmoreceu.

Claro que eu sabia que ele estava lá. Fora eu que sugerira que comparecesse. Mas vê-lo, saber que estava com outra mulher, na sua primeira aparição pública enquanto casal, fez-me suar as mãos e gelou-me o estômago. Afinal, o Andrew Carson era o homem com quem eu pensara que ia casar. O homem que fiquei a três semanas de desposar. O homem que me deixou porque se apaixonou por outra pessoa.

Há cerca de dois anos, no segundo casamento da prima Kitty, o Andrew fora como meu namorado. Estávamos juntos há algum tempo e, no lançamento do ramo, eu apresentara-me mais ou menos feliz, fingindo-me constrangida, mas orgulhosa de ter um namorado firme. Não apanhei o ramo e, enquanto saía do recinto de dança, o Andrew pôs-me um braço em volta dos ombros. «Podias ter-te esforçado um pouco mais», dissera ele, e lembrei-me, então, do arrepio de prazer que essas palavras me tinham causado.

E agora, ele estava aqui com a nova namorada. Natalie, a dos cabelos louros, compridos e lisos. Natalie, a das pernas que nunca acabavam. Natalie, a arquiteta.

Natalie, a minha muito adorada irmã mais nova que, compreensivelmente, se mantinha discreta neste casamento.

A Kitty atirou o ramo. E a irmã dela, a minha prima Anne, apanhou-o, tal como fora, sem dúvida, planeado e ensaiado. Fim da tortura. Afinal, não. A Kitty, viu-me, agarrou as saias e correu para mim.

— Em breve será a tua vez, Grace — anunciou sonoramente. — Estás a aguentar-te?

— Claro! — respondi. — É tudo *déjà vu*, Kitty! Outra primavera, outro casamento teu.

— Pobrezinha. — Apertou-me o braço com força, uma compreensão arrogante a escorrer dela, olhou a minha franja (sim, cresceu de novo nos 15 anos que passaram desde que ela me cortou) e voltou para junto do noivo e dos três filhos dos seus dois casamentos anteriores.

Trinta e três minutos depois, decidi que já fora corajosa durante tempo suficiente. A festa de casamento da Kitty estava a bombar e, embora a música fosse animada e os meus pés ansiassem por chegar à pista e mostrar a toda a gente como é que se dançava a *rumba*, decidi ir para casa. Se havia aqui um homem solteiro, bonito, financeira e emocionalmente estável, estava escondido debaixo de uma mesa. Só uma passagem pela casa de banho e punha-me a caminho.

Abri a porta e dei uma rápida e assustadora olhadela ao espelho — nem eu sabia que era possível o meu cabelo frisar assim tanto, caramba, estava quase horizontal — e ia abrir a porta de uma das casas de banho, quando ouvi um barulhinho. Um barulhinho infeliz. Espreitei por baixo da porta. Lindos sapatos. De tiras, saltos altos, pele genuína azul.

— Hum... está tudo bem? — perguntei eu, franzindo a testa. Parecia-me reconhecer aqueles sapatos.

— Grace? — disse uma vozinha. Não admirava que os sapatos me parecessem familiares. A minha irmã mais nova e eu tínhamo-los comprado juntas, no inverno passado.

— Nat? Querida, estás bem? — Houve um restolhar de tecido, e a minha irmã abriu a porta. Tentou sorrir, mas os seus olhos azul-claros estavam marejados de lágrimas prateadas. Notei que a máscara dos olhos não se dignara a escorrer. Parecia trágica e linda, Ilsa a despedir-se de Rick no aeroporto de Casablanca.

— Que se passa, Nat? — perguntei.

— Oh, não é nada... — A boca dela tremia. — Está tudo bem.

Fiquei calada por um instante.

— É alguma coisa com o Andrew?

A fachada da Natalie vacilou.

— Hum... bem... não me parece que as coisas entre nós vão resultar — disse ela, com a voz falhando um pouco e denunciando-a. Mordeu o lábio e olhou para baixo.

— Porquê? — perguntei. O alívio e a preocupação debatiam-se no meu coração. Claro que não morreria de desgosto se as coisas entre a Nat e o Andrew não resultassem, mas a Natalie não era do género melodramático. Na verdade, a última vez que a vira chorar fora quando eu partira para a universidade, há 12 anos.

— Hum... só acho que foi uma má ideia — sussurrou ela.

— Mas não faz mal.

— O que aconteceu? — perguntei. Tinha vontade de estrangular o Andrew. — O que fez ele?

— Nada — garantiu ela rapidamente. — É só que... hum...

— O quê? — perguntei de novo, desta vez mais determinada. Ela não me olhou. Ah, que chatice. — É por minha causa, Nat?

Ela não respondeu. Suspirei.

— Nattie. Por favor, responde-me.

Ela olhou-me rapidamente e voltou a olhar para o chão.

— Tu ainda não o esqueceste, pois não? — sussurrou ela. — Embora tenhas dito que sim... eu vi a tua cara ali fora, quando o ramo foi lançado e, oh, Grace, lamento tanto. Eu nunca devia ter tentado...

— Natalie — interrompi. — Já o esqueci. Está ultrapassado, juro. Lançou-me um olhar tão pesado de culpa, tristeza e angústia autêntica, que as palavras seguintes me saíram da boca sem que eu tivesse consciência completa delas.

— A verdade, Nat, é que ando a sair com outra pessoa.

Ups. Não planeava mesmo dizer aquilo, mas funcionou como um encantamento. A Natalie piscou os olhos, com mais duas lágrimas a escorrerem-lhe pelas bochechas da cor de pétalas de rosa, a esperança a ocupar-lhe a expressão e os olhos a arregalarem-se.

— Andas?

— Sim — menti, pegando num lenço para lhe limpar a cara.
— Já há algumas semanas.

A expressão trágica da Nat estava a esmorecer.

— Porque não o trouxeste esta noite? — perguntou.

— Oh, já sabes como é. Casamentos. Fica toda a gente muito empolgada se vieres com alguém.

— Não me contaste — disse ela, com uma ligeira ruga a franzir-lhe a testa.

— Bem, não queria dizer nada enquanto não tivesse a certeza de que valia a pena mencioná-lo. — Voltei a sorrir, apegando-me à ideia, como nos velhos tempos. E, desta vez, a Nat devolveu-me o sorriso.

— Como é que se chama? — perguntou.

Hesitei por um breve instante.

— Wyatt — respondi, lembrando-me da minha fantasia da dança do pneu. — É médico.

Capítulo 2

Direi apenas que o resto da noite correu muito melhor para todos. A Natalie rebocou-me para a mesa onde estava toda a família, insistindo em que passássemos algum tempo juntas, pois estivera demasiado nervosa para falar comigo nesse dia.

— A Grace tem saído com uma pessoa — anunciou ela baixinho, de olhos brilhantes.

A Margaret, que estivera dolorosamente a ouvir a descrição que a Mémé lhe fazia dos seus pólipos nasais, ficou alerta. A mãe e o pai detiveram-se a meio de uma desavença para me inundarem de perguntas, mas mantive a minha história de «ainda é um pouco cedo para falar disso». A Margaret ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Pelo canto do olho, procurei o Andrew. Ele e a Natalie estavam a manter-se um pouco afastados, receando pelos meus frágeis sentimentos. Não o vi.

— E que faz essa pessoa na vida? — perguntou a Mémé. — Não é um desses professores pelintras, pois não? As tuas irmãs conseguiram arranjar empregos com salários decentes, Grace. Não percebo porque é que tu não consegues.

— É médico — respondi, dando um pequeno gole no gin tónico que o empregado me trouxera.

— De que especialidade, docinho? — perguntou o pai.

— Cirurgião pediátrico — respondi docemente. *Snip, snip*. Felizmente, o rubor na minha cara podia ser atribuído ao cocktail e não à mentira.

— Oh — suspirou a Nat, abrindo o rosto num sorriso angélico.
— Oh, Grace.

— Maravilhoso — disse o pai. — Segura esse, Grace.

— Ela não precisa de segurar nada, Jim — interveio a mãe.
— Francamente, és pai dela! Precisas mesmo de a sabotar assim?

E lá estavam os dois, embrenhados noutra discussão. Que bom, a Pobre Grace estar finalmente fora da lista das preocupações!

Apanhei um táxi para casa, pretextando um telemóvel esquecido e a necessidade urgente de ligar ao meu maravilhoso namorado médico. Também consegui não falar diretamente com o Andrew. Arrancando a Natalie e o Andrew da cabeça, *à la* Scarlett O’Hara — *pensarei nisso amanhã* —, concentrei-me antes no meu namorado imaginário. Ainda bem que o pneu rebentara há poucas semanas, ou eu não teria tido uma resposta tão pronta.

Que bom seria se Wyatt, o cirurgião pediátrico, fosse um homem real. E que fosse bom dançarino, também, nem que fossem só uns passos básicos. Que tivesse podido seduzir a Mémé e feito perguntas à mãe acerca das suas esculturas, sem estremecer quando ela as descrevesse. Que fosse um jogador de golfe como o Stuart e os dois tivessem combinado uma manhã no campo. Que soubesse alguma coisa acerca da Guerra Civil. Que ocasionalmente se interrompesse a meio de uma frase porque olhava para mim e, simplesmente, esquecia-se do que ia dizer. Que estivesse aqui para me ajudar a subir as escadas e a abrir o fecho deste vestido desconfortável, para fazer amor comigo até à insanidade.

O táxi virou para a minha rua e abrandou até parar. Paguei ao motorista, saí, e fiquei ali por um minuto, olhando a minha casa. Era um minúsculo prédio vitoriano de três andares, alto e estreito. Alguns narcisos corajosos balançavam ao longo do passeio e depois os canteiros de tulipas irrompiam em rosa e amarelo. Em maio, os lilases ao longo do lado leste enchiam toda a casa com o seu aroma incomparável. Eu tinha passado a maior parte do verão no alpendre, a ler, a escrever artigos para vários jornais, a regar os meus fetos de Boston e as minhas begónias. A minha casa. Quando comprei a casa — correção: quando eu e o Andrew a comprámos — estava negligenciada e em mau estado. Agora, era uma casa modelo. A *minha*,

porque o Andrew me deixou antes de o novo isolamento ser instalado, antes de as paredes serem deitadas abaixo e repintadas.

Ao ouvir os meus saltos altos na calçada, a cabeça do *Angus* espreitou pela janela, fazendo-me sorrir... e depois cambalear. Aparentemente, estava um pouco tocada, um facto evidenciado pela minha procura ineficaz da chave. Pronto. Chave na porta, rodar.

— Olá, *Angus McFangus!* A mamã chegou!

O meu pequeno cão correu para mim e depois, demasiado avasalado pelo milagre da minha existência, correu pelo andar térreo ao estilo volta de honra — sala, casa de jantar, cozinha, corredor, e tudo outra vez.

— Tiveste saudades da mamã? — perguntei-lhe, sempre que passou por mim. — Tiveste... saudades... da mamã?

Finalmente, a sua energia pareceu ter-se esgotado e ele trouxe-me a sua vítima da noite, uma caixa de lenços despedaçada, que depositou orgulhosamente aos meus pés.

— Obrigada, *Angus* — disse eu, compreendendo que se tratava de um presente. O cão tombou diante de mim, arquejando, os botões negros dos seus olhos fitavam-me com adoração, e as patas traseiras ficavam estendidas atrás de si, como se estivesse a voar, naquela que eu considerava a sua pose de Super Cão. Sentei-me, tirei os sapatos e cocei a cabecinha matreira do *Angus*.

— Sabes uma coisa? Agora temos um namorado — disse-lhe. Ele lambeu-me a mão com deleite, arrotou e correu para a cozinha. Boa ideia. Ia ao Ben & Jerry comprar uma guloseima. Levantei-me da cadeira, olhei pela janela e gelei.

Vi um homem que avançava furtivamente de um dos lados da casa vizinha.

Claro que estava escuro na rua, mas o candeeiro iluminava nitidamente o homem que caminhava ao longo da outra casa. Olhou em ambas as direções, depois continuou até às traseiras, subiu os degraus devagar, hesitantemente, e experimentou a maçaneta da porta. Aparentemente, estava trancada. Procurou debaixo do tapete. Nada. Tentou de novo a maçaneta, com mais força.

Eu não sabia o que fazer. Nunca vira uma casa a ser assaltada. Não vivia ninguém naquela casa, o número 36 da Maple Street. Nos dois anos que vivera em Peterston, nunca vira, sequer, alguém a

olhá-la. Era um pouco ao estilo de um bangalô, bastante estragada, a precisar de uma boa reparação. Perguntava-me muitas vezes porque é que ninguém a comprava e remodelava. Certamente que não havia nada lá dentro que valesse a pena roubar...

Engolindo sonoramente em seco, apercebi-me de que, se o ladrão olhasse na minha direção, me veria bastante bem, porque a minha luz estava acesa e as cortinas abertas. Estendendo a mão lentamente, sem tirar os olhos dele, apaguei o candeeiro.

O suspeito, como eu já começara a chamar-lhe, empurrou a porta com o ombro. Repetiu a ação, agora com mais força, e eu estremeci quando o seu ombro embateu na porta. Nada. Tentou de novo, recuou um passo, depois dirigiu-se a uma janela, pôs as mãos em volta dos olhos e espreitou para dentro.

Tudo aquilo me parecia muito suspeito. Claro que o homem tentou abrir a janela. Mais uma vez, não teve sorte. Sim, talvez eu tivesse visto demasiados episódios de *Lei & Ordem*, solidária com mulheres solteiras em todo o lado, mas isto parecia bastante explícito. Estava a decorrer um *crime* na casa vazia ao meu lado. Isto não podia ser bom. E se o ladrão viesse para aqui? Com dois anos de vida na terra, o *Angus* ainda não fora posto à prova no que dizia respeito à proteção da casa. Destruir sapatos e rolos de papel higiénico, sim, isso sabia ele. Proteger-me de um homem de tamanho médio? Não tinha muita certeza. E o ladrão seria de tamanho médio? Parecia-me bastante forte. Bastante sólido.

Deixei que o dilúvio habitual de imagens horrendas me invadissem a cabeça e reconheci as escassas probabilidades de acontecerem realmente. O homem, que de momento tentava abrir outra janela, não devia ser um assassino à procura de um sítio para esconder um corpo. Provavelmente não escondia no carro heroína no valor de um milhão de dólares. E eu esperava fervorosamente que não tivesse planos de acorrentar uma mulher de tamanho médio na adega e esperar que ela perdesse peso suficiente para usar a sua pele na confeção de um vestido novo, como aquele tipo de *O Silêncio dos Inocentes*.

O gatuno tentou a porta uma segunda vez. Pronto, amigo. O que basta, basta. Está na hora de chamar as autoridades. Mesmo que não fosse um assassino, era um ladrão, claramente à procura de uma

casa para ladroar. *Ladroar*? Isto seria um verbo? Parecia estranho. O que era certo era que eu bebera dois gins tónicos esta noite (ou teriam sido três?) e a bebida não combinava muito bem comigo, mas mesmo assim. Fosse qual fosse a perspectiva, a atividade na casa vizinha parecia bastante ilícita. O homem desapareceu novamente nas traseiras da casa, ainda, pensei eu, em busca de um ponto de acesso. Que raio. Era hora de dar uso aos dólares dos meus impostos e chamar a polícia.

— Fala 112, qual é a sua emergência?

— Olá, como está? — perguntei

— Tem uma emergência, minha senhora?

— Oh, pois... quero dizer, não sei bem — respondi, semicerando um olho para ver melhor o ladrão. Não tive sorte. Ele tinha desaparecido do outro lado da casa. — Acho que a casa ao lado da minha está a ser roubada. Estou no número 34 da Maple Street, em Peterston. Chamo-me Grace Emerson.

— Um momento, por favor. — Ouvei a fífia de um rádio ao fundo. — Temos um carro-patrolha na sua área, minha senhora — disse ela após um momento. — Vamos mandar imediatamente uma unidade. O que está a ver, exatamente?

— Hum, neste momento, nada. Mas ele estava... a filar a cena, percebe — disse eu, estremecendo. *Filar a cena*? Quem é que eu era, o Tony Soprano? — O que quero dizer é que o homem anda em redor da casa, está a experimentar portas e janelas. E a casa está desabitada.

— Obrigada, minha senhora. A polícia chegará a qualquer momento. Prefere que nos mantenhamos em linha? — perguntou a mulher.

— Não, eu fico bem — disse, não querendo parecer muito medricas. — Obrigada. — Desliguei, sentindo-me vagamente heroica. Uma vigilante de bairro, era isso que eu era.

A partir da cozinha, já não conseguia ver o homem, por isso fui à sala de jantar (*ups*, um pouco tonta... devem ter sido três gins tónicos). Espreitando pela janela, não avistei nada de irregular. E também não ouvi sirenes. Onde é que estavam os tais polícias? Se calhar, era melhor ter ficado em linha. E se o ladrão perceber que ali não há nada para roubar e vier procurar aqui? Eu tinha muitas coisas boas.

O sofá custara-me quase dois mil dólares. O computador era topo de gama. E, no meu último aniversário, o pai e a mãe tinham-me oferecido aquele fabuloso plasma.

Olhei em volta. Era estúpido, mas sentir-me-ia mais segura se estivesse... bem, não propriamente armada, mas algo do estilo. Eu não tinha uma arma, não era nada o meu género. Olhei para o meu conjunto de facas. Não. Parecia um pouco exagerado, mesmo para mim. Era verdade que guardava duas espingardas *Springfield* no sótão, já para não falar da baioneta, juntamente com todos os outros adereços da Guerra Civil, mas não usávamos balas, e eu não me imaginava a espetar uma baioneta em ninguém, por mais que, nas nossas encenações das batalhas, me divertisse a fingir que o fazia.

Deslizando para a sala, abri o armário e examinei as minhas opções. Cabide, ineficaz. Guarda-chuva, demasiado leve. Mas, espera. Ali atrás estava o meu velho *stick* de hóquei, dos tempos de liceu. Guardara-o estes anos todos por razões sentimentais, pois remontava ao breve período da minha vida em que fui atleta, e estava grata por isso. Não era propriamente uma arma, mas constituía alguma proteção. Perfeito.

O *Angus* estava agora a dormir na sua cama, uma almofada de veludo vermelho num cesto de vime, na cozinha. Estava deitado de costas, com as patinhas peludas no ar, os dentinhos de baixo trancados nos de cima. Não parecia que fosse de grande utilidade no caso de sermos invadidos.

— Coragem, *Angus* — sussurrei. — Ser giro não basta, sabes?

Ele espirrou e eu baixei-me. O ladrão teria ouvido? Já agora, ter-me-ia ouvido ao telefone? Arrisquei uma espreitadela pela janela da casa de jantar. Os políciais ainda não tinham chegado. Também não havia movimento na casa ao lado. Talvez o ladrão se tivesse ido embora.

Ou talvez estivesse a vir para aqui. Para *mim*. Ou, pelo menos, para as minhas coisas. Ou para mim. Nunca se sabia.

Segurar o *stick* de hóquei dava-me conforto. Talvez me escapulisse lá para cima e me trancasse no sótão, pensei. Podia sentar-me ao lado daquelas espingardas, apesar de não terem balas. Certamente que a polícia seria capaz de lidar com o ladrão da porta ao lado. E, por falar em polícia, um carro-patrolha preto e branco entrou na

rua, parando mesmo em frente da casa dos Darrens. Ótimo. Eu estava safa. Ia só em bicos de pés até à sala de jantar, ver se o Sr. Ladrão estava visível.

Népia. Nada. Só os ramos dos lilases a bater nas janelas. Por falar em janelas, o pai tinha razão. Precisavam de ser substituídas. Sentia uma corrente de ar, e nem sequer estava vento. Este ano, a minha conta de aquecimento fora terrível.

Nesse momento, soou uma batida baixa na porta. Ah, os polícias. Quem disse que nunca se arranja um quando é preciso? O *Angus* saltou como se tivesse sido eletrocutado e correu para a porta, dançando alegremente, saltando com as quatro patas no ar, ladrando estridentemente. *Béu! Béubéubéubéu!*

— Chiu — disse-lhe. — Senta. Fica. Acalma-te, amor.

Ainda com o *stick* na mão, abriu a porta da frente. Afinal não eram os polícias.

O ladrão estava ali, diante de mim.

— Olá — disse ele.

Ouvi o *stick* bater-lhe ainda antes de perceber que me tinha medido, e depois o meu cérebro congelado apercebeu-se de toda a espécie de coisas ao mesmo tempo — o estalido abafado da madeira contra um corpo humano. A reverberação trémula que me subiu pelo braço. A expressão atónita na cara do ladrão ao levantar as mãos para cobrir o olho. As minhas pernas trémulas. O tombar lento do dito ladrão até ficar de joelhos. O latir histérico do *Angus*.

— Ai — gemeu o ladrão baixinho.

— Fora daqui — guinchei, ainda brandindo o *stick*. Todo o meu corpo tremia violentamente.

— Caramba, minha senhora — murmurou o homem, a voz mais surpreendida do que outra coisa. O *Angus*, rosnando como um bebé leão enraivecido, apoderou-se da manga do ladrão e sacudiu a cabeçinha para trás e para a frente, tentando causar algum dano, com a cauda a abanar alegremente e o corpo tremendo de excitação por defender a sua dona. Devia baixar o *stick*? Não seria esse o momento ideal para ele me agarrar? Não era esse o erro que a maioria das mulheres cometiam, antes de serem atiradas para o poço na adega e passarem fome até a sua pele se soltar?

— Polícia! Mãos no ar!

Certo! A polícia! Graças a Deus. Dois agentes corriam pelo meu relvado.

— Mãos no ar! Já!

Obedeci, o *stick* de hóquei escorregou-me das mãos, ressaltando na cabeça do ladrão e aterrando no chão do alpendre.

— Por amor de Deus — murmurou o ladrão, estremecendo. O *Angus* soltou-lhe a manga e atirou-se ao *stick*, rosnando e latindo alegremente.

O ladrão semicerrou os olhos para mim. A pele em volta do seu olho a ficar vermelho-vivo. E, caramba, aquilo era sangue?

— Mãos na cabeça, companheiro — disse um dos agentes, sacudindo as algemas.

— Não acredito nisto — disse o ladrão, obedecendo com (imaginava eu) a fatigada resignação de alguém que já passara por aquilo. — O que é que eu fiz?

O primeiro agente não lhe respondeu, limitando-se a algemá-lo.

— Por favor, vá para dentro, minha senhora — disse o outro agente.

Finalmente descongelei da minha posição de mãos no ar e cambaleei para dentro. O *Angus* arrastou o *stick* de hóquei para dentro atrás de mim, antes de o abandonar para ziguezaguear em círculos alegres em torno dos meus tornozelos. Tombei no sofá, abraçando o meu cão. Este lambeu-me vigorosamente o queixo, ladrou duas vezes, depois mordeu-me o cabelo.

— É a menina Emerson? — perguntou o agente, tropeçando ligeiramente no *stick*. Anui com a cabeça, ainda tremendo violentamente, o coração a galopar-me no peito como um cavalo de corrida na etapa final. — O que aconteceu aqui?

— Vi aquele homem arrombar a casa ao lado — respondi, desmarranhando o cabelo dos dentes do *Angus*. A minha voz era alta e rápida. — Onde não vive ninguém, a propósito. Por isso chamei-vos, e depois ele apareceu mesmo aqui no meu alpendre. Por isso bati-lhe com um *stick* de hóquei. Eu praticava, na secundária. — Recostei-me, engoli em seco e olhei pela janela, respirando fundo algumas vezes, tentando não hiperventilar. O agente deu-me um momento e eu acariciei o pelo áspero do *Angus*, fazendo o meu cão gemer de alegria. Agora, que pensava nisso, talvez bater no ladrão não tivesse

sido... necessário. Lembrei-me de que ele dissera «Olá». Pelo menos, pareceu-me que dissera. É normal os ladrões cumprimentarem as vítimas? *Olá. Gostaria de roubar a sua casa. Não se importa?*

— Está bem? — perguntou-me o polícia. — Ele magoou-a? Ameaçou-a?

Abanei a cabeça.

— Porque é que abriu a porta, menina? Não foi muito inteligente. — Franziu a testa, reprovadamente.

— Hum, bem, pensei que eram vocês. Vi o vosso carro. E não, não me magoou. Ele só...*disse olá*. — Ele parecia... hum... suspeito? Um bocado suspeito? É que andava furtivamente em volta daquela casa, é só isso. Andava furtivamente e olhava, assim como que a espreitar. E não vive lá ninguém. Está desabitada desde que moro aqui. E eu não queria mesmo bater-lhe.

Bem, que inteligente que eu parecia!

O agente lançou-me um olhar de desconfiado e escreveu qualquer coisa no seu caderninho preto.

— Esteve a beber, menina? — perguntou-me.

— Um bocadinho — respondi, sentindo-me culpada. — Mas não conduzi, claro. Estive num casamento. Da minha prima. Ela não é muito simpática. Enfim, tomei um cocktail. Um gin tónico. Bem, foi mais dois e meio. Talvez três?

O polícia fechou o caderno e suspirou.

— Butch? — O outro polícia espreitou pela porta. — Temos um problema.

— Ele fugiu? — gritei. — Escapou?

O segundo polícia olhou-me com pena.

— Não, minha senhora. Está sentado nas suas escadas. Está algemado, não se preocupe. Butch, chegas aqui fora um segundo?

O Butch saiu, a sua arma refletindo a luz. Abraçando o *Angus*, fui em bicos de pés até à janela da sala e afastei a cortina (pura seda azul, muito bonita). Lá estava o ladrão, ainda sentado nos degraus da minha porta, de costas para mim, enquanto o agente Butch e o seu colega conferenciavam.

Agora que não sentia um medo mortal, olhei-o atentamente. Cabelo castanho despenteado, bastante atraente, na verdade. Ombros largos... ainda bem que não me envolvera numa luta com ele.

Braços robustos, pela forma como o tecido se retesava de encontro aos seus bíceps. Por outro lado, podia ser só por causa da posição, com as mãos algemadas atrás das costas.

Como se sentisse a minha presença, o ladrão virou-se para mim. Eu recuei de um salto. O olho dele estava fechado, de tão inchado. Maldição. Eu não tinha intenção de o magoar. Não tinha intenção nenhuma, na verdade... agi por um impulso momentâneo, acho eu.

O agente Butch voltou para dentro.

— Ele precisa de gelo? — sussurrei.

— Ele está bem, menina. Diz que mora ali, mas vamos levá-lo para a esquadra e verificar a história. Pode dar-me o seu contacto?

— Claro — respondi, recitando o meu número de telefone. E então, absorvi o sentido das palavras do agente. *Mora ali.*

O que significava que eu acabara de dar uma paulada na cabeça do meu novo vizinho.

PODERÁ O HOMEM ERRADO SER A ALMA GÊMEA QUE ELA PROCURA?

Grace é perita em inventar namorados imaginários. Muito mais do que um escape para a sua vida tristonha, é uma forma de lidar com problemas e pretendentes indesejados. Mas tudo se complica quando Grace vai a um casamento e o pior acontece: além de o seu ex-noivo também estar presente — mas agora como namorado da sua irmã mais nova —, a família começa a pressioná-la para arranjar marido. Correndo o risco de ser apresentada a um qualquer infeliz escolhido pela mãe, Grace recorre ao velho truque e... inventa o namorado perfeito! Tão perfeito, que agora até a família o quer conhecer!

Mas quem será este príncipe encantado? Uma coisa é certa, terá de ser o oposto do carrancudo Callahan O'Shea, vizinho de Grace. Com um passado obscuro e um feitio insuportável, ele nunca poderia ser seu namorado. Se bem que Grace não se importaria de ter alguém com os mesmos atributos físicos de Callahan... Ou o mesmo sentido de humor... Ou o seu coração meigo...

Não! O terrível Callahan não é o homem perfeito que Grace tem em mente. Mas há algo que a inquieta...

SE ELE É TÃO ERRADO, PORQUE É QUE TUDO
ENCAIXA TÃO BEM QUANDO ESTÃO JUNTOS?

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-70-6



9 789898 917706

Ficção Romântica